

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Maria do Socorro Abrantes
Márcia Estrela dos Santos

**DESAFIOS NA PRÁTICA DA LEITURA E DA ESCRITA
NAS SÉRIES INICIAIS**

Maria do Socorro Abrantes

Márcia Estrela dos Santos

**DESAFIOS NA PRÁTICA DA LEITURA E DA ESCRITA
NAS SÉRIES INICIAIS**

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores – CFP-UFCG, como requisito para aprovação na disciplina Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar, sob a orientação da professora Antonia Lis de Maria Martins Torres.



A161d Abrantes, Maria do Socorro.
Desafios na prática da leitura e da escrita nas séries iniciais / Maria do Socorro Abrantes, Márcia Estrela dos Santos.- Cajazeiras, 2005.
37f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Ensino de escrita e leitura. 2. Escrita e leitura. 3. Prática de leitura. 4. Prática de escrita. 5. Leitura e escrita - séries iniciais. I. Santos, Márcia Estrela dos. II. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.016:003-028.31

DEDICATÓRIA

A DEUS, por ter me dado força e coragem para viver essa experiência, tão importantes na minha vida.

A meu pai Benedito, que mesmo longe me incentivou em todos os momentos.

A minha mãe Francisca (*In Memoriam*), que mesmo ausente me dava muita força.

Ao meu esposo Romildo, que compreendeu minhas ausências, e que sempre me incentivou para nunca desistir.

Aos meus irmãos e sobrinhos, mas em especial as minhas irmãs Ana e Adinelha, que sempre estavam ao meu lado.

Aos meus amigos que tanto cultivei durante esse período tão especial.

A Dr. Júlio, por ter compreendido as minhas ausências durante o curso, e às minhas colegas de trabalho.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão desse trabalho.

Ao meu grande Amigo Deus, por ter me permitido chegar até ao fim do meu curso.

Meu muito Obrigado!

Maria do Socorro Abrantes.

DEDICATÓRIA

A DEUS, em primeiro lugar por estar sempre me dando força e coragem para enfrentar os desafios.

A minha filha Letícia por ser hoje a pessoa mais importante na minha vida.

Aos meus pais Fransildo e Fátima, por segurarem a barra diante da minha ausência e sempre me darem grande incentivo em todos os momentos.

Ao meu marido Tony, que sempre foi muito compreensivo e companheiro e me deu muita força para realização desse trabalho.

A todos os meus familiares que me ajudaram, principalmente com minha filha, em momentos difíceis.

Ao meu avô Severino, que já não se encontra entre nós, mas sei que onde estiver estará muito satisfeito e orgulhoso, olhando por mim e guiando os meus passos.

A todos meu muito obrigado!

Márcia Estrela dos Santos.

AGRADECIMENTOS

A Deus o nosso maior incentivador para que chegássemos até aqui enfrentando muitos obstáculos, mas acima de tudo vitoriosas.

Aos nossos familiares, que sempre nos estimularam para não desistirmos.

A UFCG e aos colegas que encontramos no decorrer do nosso curso.

Aos mestres, que nos ajudaram com seus estudos e experiências.

A escola CEEIGEF pela acolhida para o nosso estudo de campo.

Aos professores que nos dedicaram um pouco de sua atenção.

A nossa orientadora, Lis de Maria que nos ajudou bastante com seus textos e também com sua paciência e dedicação.

A todos, o nosso muito obrigada.

SUMÁRIO

1	Introdução	6
2	Concepções e implicações no processo de ensino da leitura e da ^{escrita,} escrita nas séries iniciais	7
2.1	Ler e escrever não são atividades iniciadas apenas na escola	10
2.2	Mudar a prática para valorizar a aprendizagem: um desafio para o professor	12
2.3	Práticas de ensino da leitura e da escrita desenvolvidas na escola	13
3	Procedimentos Metodológicos	18
4	Análise dos Resultados	20
4.1	Reflexões dos docentes sobre leitura e escrita nas séries iniciais	20
4.2	Como os professores entendem e vivenciam as práticas no ensino da leitura e escrita	25
5	Algumas considerações	30
	Referências Bibliográficas	31
	Anexos	

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a realidade do Centro de Educação Especial “Geny Ferreira” – CEEIGEF – localizada na cidade de Sousa-PB, foi possível perceber que existem inúmeras dificuldades referentes a leitura e a escrita principalmente nas séries iniciais.

Partindo dos estudos que fizemos na escola, pudemos perceber que a leitura e a escrita são práticas apresentadas pela criança desde cedo, antes do seu ingresso no ambiente escolar. Segundo os estudos realizados por Ferreiro(1991), Freire (2002) e Teberosky (2003), ao chegar a escola a criança já traz consigo a própria interpretação dos sinais escritos chamados “garatujas infantis”.

Esta constatação foi o ponto de partida para nosso estudo, e a partir dela, formulamos como questão central. Por que os professores setem dificuldades para trabalhar a leitura e a escrita nas séries iniciais de ensino fundamental, apesar das crianças chegarem a escola com a própria interpretação dos sinais escritos?

Portanto, procuramos identificar e analisar com mais profundidade as dificuldades encontradas pelos docentes no processo de ensino da leitura e da escrita no CEEIGEF. A partir dessa análise, percebemos algumas causas que provocam as dificuldades que os docentes enfrentam em relação ao ensino de leitura e escrita, como por exemplo, a má formação do professor, turmas numerosas, e também, pouco interesse dos alunos. Procuramos também, verificar se os professores têm hábito de ler e escrever e qual a concepção que eles têm sobre leitura e escrita.

Temos consciência que por meio desse trabalho não modificamos a situação existente na escola, mas contribuimos e refletimos junto aos professores para o redimensionamento das práticas de leitura e escrita.

Este trabalho está dividido em três partes: o primeiro capítulo, intitulado como “Concepções e implicações no processo de ensino da leitura e escrita nas séries iniciais”; o segundo capítulo do nosso trabalho refere-se aos procedimentos metodológicos; o terceiro capítulo refere-se a análise dos dados coletados através do nosso estágio com as professoras no CEEIGEF; e no quarto capítulo apontamos as considerações sobre todo o nosso estudo.

2 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS

Atualmente as instituições de ensino tanto públicas e privadas têm enfrentado um grande problema no sentido de superar as dificuldades do processo de leitura e escrita nas séries iniciais. Esses desafios podem ser compreendidos a partir dos pressupostos teóricos dos seguintes autores: TEBEROSKY (1991); FERREIRO (1991); OLIVEIRA (1997); GÁRCIA e PEREZ (2001); DIAS (2001); FREIRE (2002); TFOUNI (2004).

As elaborações teóricas produzidas sobre a temática demonstram que este problema educacional pode ser amenizado a partir do momento em que a escola entender que o início do conhecimento sobre a linguagem escrita não se encontra ligado ao início da escolarização da criança, já que este conhecimento começa bem antes da mesma frequentar a escola. Segunda Cagliari (1994, p.106):

O caminho que a criança percorre na alfabetização é muito semelhante ao processo de transformação pelo qual passou desde a sua invenção. Assim como os povos antigos às crianças usam o desenho como forma de representação gráfica e são capazes de contar uma história longa como significação de alguns traços por elas desenhados.

Costuma-se perguntar em que momento e em qual espaço começa a aprendizagem da leitura e da escrita. Poderíamos ter várias suposições que afirmam que os adultos definem a melhor hora em que as crianças podem aprender. Hoje, através de várias pesquisas, muitas teorias do conhecimento já consideram errôneo o pensamento acima descrito. Algumas dessas teorias defendem a idéia de que, nem adultos, nem escolas, retêm nas mãos o momento da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças.

As escolas muitas vezes cometem o erro de acreditar que a criança encontra dificuldade de aprender a ler e escrever nas séries iniciais porque não tem maturidade suficiente para a aprendizagem destas duas habilidades. Porém, a mesma engana-se ao achar que a criança chega ao ambiente escolar vazia de qualquer aprendizagem, ou seja, uma pedra bruta que precisa ser lapidada pela mesma. Os professores devem ter a convicção “*de que seus alunos não partem do zero, e sim de que tem conhecimentos prévios construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas aprendizagens*” (Colomer e Teberosky, 2003)

No entanto, a partir de novas pesquisas e necessidades, começou-se a analisar novas propostas de ensino. A perspectiva construtivista mostra que desde os três anos de idade a criança já entra no processo de alfabetização, pois esta teoria implica em um processo evolutivo do conhecimento. Segundo Colomer e Teberosky (2003).

Existem crianças entre os três e cinco anos que já escrevem seu próprio nome e de pessoas próximas, através das garatujas que produzem. Conseguindo assim, dar um significado ao seu escrito, mesmo que seja apenas rabiscos insignificantes para os adultos, mas para elas tem um sentido.

Anteriormente, o ambiente educacional desenvolvia a teoria condutista, ou seja, preparava a criança para a aprendizagem, treinando-as em habilidades que não lhes beneficiavam em nada para o seu desenvolvimento intelectual. E a idade necessária para o desenvolvimento dessas habilidades seria a partir dos seis anos, porque só é nessa fase que a criança teria chegado ao nível desejado para ser educada.

É papel da escola é criar oportunidades de observação de livros e situações em que a leitura prevaleça como fator também importante para nossa comunicação, dentro e fora da escola. Concordamos com Freire quando diz que: “*A leitura de mundo pertence sempre a leitura da palavra (...) e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela*” (1989, p. 11).

A leitura associa-se desde o seu aparecimento à difusão da escrita. Colocada na base da educação, ela pode assumir imediato o componente democratizante, pois segundo Zilberman e Silva (1998, p. 13), “*ler veio a significar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabeto e a constatação do domínio exercido sobre ele*”.

A sala de aula é lugar onde a leitura é algo essencial para o desenvolvimento dos alunos, sendo, que ela não só favorece as crianças dentro da escola, como também fora dela, conforme afirma TEBEROSKY:

Sabemos então que a fonte de informações para as crianças é tanto escolar quanto extra-escolar (a voz do professor, livros, enciclopédias, rádios, televisão, jornais) (...) e também seus companheiros podem contribuir para uma mútua alfabetização, por isso incentivamos o trabalho em grupo. (1998, p. 34).

Diante do que já foi comentado, não podemos dizer que a criança chega na escola vazia ou sem nenhuma informação, ou afirmar que a escola seja o único sistema determinante para o início de seu aprendizado, cabe ao professor valorizar o que a criança já traz e procurar trabalhar no seu desenvolvimento, segundo TEBEROSKY:

O professor deve saber que tipo de informação é relevante para cada momento e qual tipo de informação que ajuda a criança a progredir, (...) seu papel deve ser de fazer coincidir a informação que oferece com a necessidade da criança de tal maneira que resulte coerente a tarefa a que se propõe. (1998, p. 26)

As crianças ao formular tais conceitos e conhecimentos, estão aprendendo a ler, não uma leitura formal, que é aceita pela escola, mas uma leitura de mundo como afirma Freire (1998).

A essa leitura de mundo e a estes escritos pessoais, que as crianças adquirem através das garatujas ou outros conhecimentos formulados por ela, dá-se o nome de conhecimento prévio. Porém, nem todas as crianças conseguem chegar a escola com uma carga de conhecimentos tão substancial. Isto depende muito do espaço onde convivem e com as pessoas que se relacionam no dia-a-dia. Nessa ótica, fica evidente que o ambiente sócio-cultural influencia no processo de aprendizagem, devido à interação entre o adulto e a criança, pois a mesma absorve e elabora o conhecimento transmitido pelo outro. Para isso a escola deve compensar estas diferenças, sendo que:

A função do professor é criar um clima de interação e construção do conhecimento em torno do escrito que seja suficientemente rico para compensar as desigualdades daqueles que não tiveram a opção de fazer isso fora da escola, possibilitando-lhes assim, a obtenção de informação e a geração de hipóteses sobre a natureza, a função e os usos da escrita em contextos reais. (Garcia e Perez, 2001, p. 18)

Por isso, é necessário que o professor compreenda que tanto a criança do ambiente social privilegiado ou não, vem para a sala de aula impregnada de cultura. Cultura essa que precisa ser aceita pela escola e a partir deste conhecimento acumulado, desenvolver práticas de aprendizagem dentro da mesma.

Na prática alfabetizadora é necessário que os métodos de ensino estejam relacionados com a vida real das crianças, seu dia-a-dia, sua imaginação.

2.1 Ler e escrever não são atividades iniciadas apenas na escola

Os professores devem refletir sobre suas práticas e criar novas práticas, no sentido de compreender a leitura não como simples codificação/decodificação de letras, mas entender o verdadeiro sentido de alfabetizar, levando em consideração as vivências e a capacidade das crianças para adquirirem formas de comunicação escrita autêntica.

Para isso, é necessário trabalhar com os professores no sentido de promover propostas educativas que também tenham sentido diante de suas práticas e compreensão de alfabetizadores e da importância da escrita espontânea das crianças para a aprendizagem.

Os processos de aprendizagem explicitados por Ferreiro e Teberosky (1991), “*não dependem dos métodos (...) O método pode ajudar, ou frear, facilitar ou dificultar, porém não criar aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito*”. Portanto, elas explicam que a aprendizagem tem como ponto de partida o próprio sujeito.

Assim, se faz necessário que os professores incentivem os alunos a produzirem textos espontâneos, sem levar em conta os “erros” ortográficos, pois com o tempo eles irão se autocorrigindo e ao mesmo tempo se sentido estimulados a produzirem.

Porém, mesmo não vindo de um ambiente letrado, não pressupõe que a criança não traga consigo nenhum tipo de conhecimento, tendo que aprender a partir do momento que chega a escola. É necessário que o professor compreenda que esta, tal como aquela criança do ambiente social privilegiado, venha para a sala de aula impregnada de cultura. Cultura essa, que precisa ser aceita pela escola e a partir desse conhecimento acumulado, desenvolver uma aprendizagem dentro da mesma.

Contudo, podemos ressaltar que a representação sobre a leitura, a escrita e a aprendizagem para os professores não são individuais, mas são construções pessoais, porém socialmente mediadas, que encontra suportes materiais concretos na “vida real”. (Oliveira, 1997)

Diante disso, podemos assim considerar o que segundo Leda VERDIANE *apud* William TE ALE: (1982, p. 15), afirma que:

*é não contrária
apenas...*

A prática da alfabetização não é meramente a habilidade abstrata para produzir, decodificar e compreender a escrita, pelo contrário, quando as crianças são alfabetizadas, elas usam a leitura e a escrita para execução das práticas que constituem sua cultura.

As crianças são responsáveis pelo início da aprendizagem da leitura e da escrita através da formulação das suas hipóteses. Ao chegar a escola as crianças trazem consigo uma série de conceitos construídos no ambiente social. Ao formular tais conceitos elas estão aprendendo a ler não uma leitura formal, que é aceita pela escola, mas uma leitura de mundo como afirma Paulo Freire.

Porém, não encontraremos receitas prontas para a prática da leitura e da escrita, o que podemos observar, são idéias advinhas de resultados favoráveis para essa prática que se destaca os dois pelos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) ligado ao da natureza do objeto de conhecimento, ou seja, este objeto de conhecimento caminha paralelamente ao sistema de representação, alfabética da linguagem e a concepção desses pólos citados sobre este objeto (Ferreiro 1991).

Assim, é de fundamental importância explicarmos as crianças desde cedo as diferentes formas de se escrever as letras com prazer e não como imposição, através de exercícios meramente mecânicos, impostos as crianças que não tem a mínima idéia qual a finalidade destes exercícios, apenas praticam.

De acordo com Cagliari (1991, p. 101):

(...) alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade é diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma forma de expressão individual de arte, de passatempo.

O professor tem o papel de mediador sendo assim, é necessário trazer a realidade para mostrar, conscientizar e estimular o leitor a compreender e sentir prazer para a leitura, não restrita apenas a decodificação, mecânica, mas observar o que pode ser trabalhado e lido na escola, dentro e fora da sala de aula e nas suas proximidades, fazendo o docente as devida

indagações para a descoberta e interesse para a leitura de forma pedagógica, para a compreensão da criança e do que se passa a sua volta para uma aprendizagem significativa da leitura em seguida da escrita.

Cagliari (1991) afirma que, hoje aprender a ler e a escrever esta para as pessoas como aprender a andar e a falar. Sendo que com a evolução dos meios de comunicação, os instrumentos de escrita passaram do pincel, cinzel, estilete, lápis e caneta para as teclas dos computadores, o qual açula hoje, a memória coletiva da humanidade. Portanto, no futuro bem próximo será considerado analfabeto aquele que não conseguir operar as máquinas e computadores.

2.2 Mudar a prática para valorizar a aprendizagem: um desafio para o professor

Diante das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita por partes dos alunos, os professores buscam incessantemente novos métodos na realização de uma prática ideal. Porém, por mais que os docentes apliquem diversos e novos métodos em suas salas de aula, mais seus alunos encontram-se distantes do domínio da leitura e da escrita. Isso se dá porque os professores ainda não se deram conta de que não é o método de ensino que determina a aprendizagem.

Como já foi dito anteriormente, a criança já chega à escola com uma carga muito grande de conhecimento, precisando ser ampliado no ambiente escolar. Para ampliar este conhecimento, o professor deverá em primeiro lugar conquistar o aluno, estimulando-o para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Sendo a aprendizagem um processo interativo, a escola terá que mudar em relação ao ensino da leitura e da escrita. Antes de tudo terá que dá a estas duas habilidades um uso funcional e social, para as que as crianças encontrem sentido no ato de ler e escrever.

Para que a leitura e a escrita tornem-se significativas para as crianças é necessário que a escola as vejam como ferramentas sócio-culturais, com um sentido significativo e não repetitivo. Pois, segundo Vygotsky (1989): *“não se pode ensinar as crianças através de explicações artificiais, por memorização compulsiva e repetição apenas. O que uma criança necessita é de adquirir novos conceitos e palavras para atribuir sentido significativo ao que aprende”*.

Perante a realidade social vigente mundialmente, a aquisição da leitura e da escrita na vida cotidiana das pessoas, tornou-se imprescindível. Isso quer dizer que o aluno não as necessita apenas no ambiente escolar, para ler e redigir somente o que o professor propõe, mas, o que seu dia-a-dia requer. Nessa perspectiva, não haverá mais sentido a prática vigente nas escolas, onde o professor introduz através de variados métodos uma aprendizagem desarticulada da realidade das crianças. Assim, como diz Colomer e Teberosky (2003, p. 78):

O professor tem a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativa, rica em relações sociais: atividades de leitura e de escrita compartilhadas, situações de discussões e argumentação... Elementos essenciais para a construção do conhecimento.

Como a criança mesmo antes de chegar à escola já convive com diversos portadores de texto, ao ingressar nela, o professor deve criar na sala de aula um espaço diversificado, de modo a retratar o ambiente social vivido pela a mesma. O ambiente escolar deve conter vários materiais impressos, como: escritos urbanos, escritos domésticos e os escritos das máquinas interativas.

Além disso, o professor não pode impor a leitura do livro didático como único recurso, impedindo que as crianças tornem-se leitoras por prazer. Os textos didáticos são importantes, mas não são únicos. Faz-se necessário que tenham e sejam utilizados vários métodos para diversificar a leitura.

2.3 Práticas de ensino da leitura e da escrita que são desenvolvidas na escola

A aprendizagem e o desenvolvimento são processos de construção de conhecimentos, mas o que evidenciamos nas escolas é um dia-a-dia rotineiro, preenchido de atividades que impossibilitam a reflexão das crianças.

A leitura tem funções diversificadas como de interação, convivência, comunicação, expressão, informação, lazer, além das funções sociais de usos escolares, conhecimentos intelectuais, socialização e como instrumento de transformação social. *"A aprendizagem da leitura*

não termina quando o aluno já decodifica os sinais / signos da língua de3verá prolongar-se de forma teórica e sistemática de forma cada vez mais prazerosa por toda a vida desse aluno” (DIAS, 2001 47).

Para formar um cidadão/leitor crítico e criativo são utilizadas estratégias que envolvem etapas de interpretação, onde o professor e o aluno interagem comumente, ou seja, o professor estimula a criatividade do aluno e o mesmo responde por ações onde ele estabelece propósitos para sua leitura, capta idéias, se auto-avalia. É o que afirma Garcia (2001, p. 50): *“Finalmente, penso que, ao aprender a falar e a ler, a criança aprende formas de linguagem, que serão incorporadas, ampliadas e diferenciadas com a aprendizagem dos processos de escrita”.*

Portanto, para se compreender melhor o ato de ler e escrever, a criança deve estar em contato direto com os métodos e práticas de ensino para formar criticamente a criativamente sua consciência de leitor ativo para assim, interpretar a aprendizagem da leitura e da escrita como uma amplitude de possibilidades da linguagem oral. Por isso, esse processo deve acontecer de forma natural e única, pois cada um tem seu jeito de ler, para compreender o que se lê, só assim a leitura será feita, por prazer e de forma gratificante, onde será fruto de um processo extremamente enriquecedor.

No panorama da escola atual, o professor realiza e toma decisões diante das atividades desenvolvidas. No entanto, a melhor forma de trabalhar será sugerido que as próprias crianças produzam e criem pontes para as novas aprendizagens. Como afirma Teberosky (1982, p. 20) *“sabemos que o conhecimento não é adquirido por transmissão do saber adulto, mas por construção da criança, que vai aproximando-o cada vez mais das regras dos sistemas.”*

Porém, não cabe culpar só aos professores e a instituição de ensino por essas dificuldades apresentadas na aquisição do conhecimento, mas também ao processo curricular e ao que o mesmo defende. Isso acontece porque muitas vezes essas práticas pedagógicas fogem da realidade do docente e do discente.

Para Colomer e Teberosky (2003, p. 23), *“o conhecimento da leitura e da escrita começa em situações da vida real, em atividades e ambientes também reais (...).”* Portanto, o que se tem observado é que as atividades e os materiais utilizados pela escola, muitas vezes, entram em contradição com as experiências prévias e as hipóteses elaboradas pelas crianças. Como exemplo dessas atividades temos a cópia e ditado de palavras, as quais a escola propõe como atividade no processo de aprendizagem. Sendo que estas atividades fogem do caminho evolutivo e não favorecem a compreensão das letras.

Essas práticas apresentadas pelos professores e pelo sistema educacional levam muitas vezes o aluno a fracassar. Isso ocorre devido a desvalorização da cultura do aluno no âmbito escolar, desestimulando a aprendizagem da leitura e da escrita.

No panorama da escola atual, o professor realiza e toma as decisões diante das atividades desenvolvidas. No entanto, a melhor forma de trabalhar será sugerindo que as próprias crianças produzam e criem pontos para as novas aprendizagens. Como afirma Teberosky (1982, p. 20) *“sabemos que o conhecimento não é adquirido por transmissão do saber adulto, mas por construção da criança que vai aproximando-o cada vez mais das regras dos sistemas.”*

Segundo Oliveira (2002, p. 69), o que se percebe também é que, *“as escolas continuam a serviço de um projeto que, pela via do fracasso escolar, expropria a maioria da população do direito de ler e escrever.”* Isso ocorre justamente porque as escolas usam a sua clientela como cobaia de novos métodos e acabam por tirar o direito dos alunos aprenderem o verdadeiro sentido do ato de ler e escrever. Pois, por não se sentirem preparadas, usam tais métodos equivocadamente, chegando muitas vezes a não conseguir alcançar o sucesso na alfabetização.

Para Cagliari (1994, p. 148), a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. Podemos assim considerar o que Ferreiro (2001, p. 07) afirma, *“ser leitor não é conhecer as letras e seu valor sonoro e sim ser capaz de construir significado”*. Sem dúvida, este significado está relacionado com a decodificação da escrita através do ato de ler. Martins (1994, p. 08) exemplifica da seguinte forma:

Às vezes passamos anos vendo objetos comuns, um vaso, um cinzeiro, sem jamais tê-los de fato enxergado, limitamo-los à sua função decorativa e utilitária. Um dia, por motivo os mais diversos, nos encontramos diante de um deles como se fosse algo totalmente novo... Podemos pensar a sua história, circunstância de sua criação, o trabalho de sua realização e diversos outros processos.

Nesse caso, podemos dizer que afinal lemos o objeto, sem intenção consciente, mas porque houve um conjunto de fatores pessoais como momento, o lugar e as circunstâncias.

Frente a vários estudos realizados por diversos teóricos, verificou-se que as atividades quando desenvolvidas pelas crianças espontaneamente atingiam uma aprendizagem bem mais elevada do que quando era imposta pelo sistema de ensino. É por esse motivo, que aprender a

ler e a escrever vai muito mais além da aquisição de habilidades, ela tem um sentido real para a vida.

Portanto, o ensino da leitura e da escrita é complexo e permeado por dificuldades, e que os problemas dividem-se em diversos vínculos à procura de uma solução para facilitar esta aprendizagem, principalmente nas series iniciais. Contudo, observa-se que alguns professores a fim de contribuir para a melhoria da educação tentam trabalhar de acordo com sua realidade e dos alunos, ou seja, trabalham o que realmente os alunos precisam e buscam aprender, sendo isto, o que dá sentido ao ato de ensinar para estes sujeitos.

Diante das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita por parte dos alunos, os professores buscam incessantemente novos métodos na realização de uma pratica ideal. Porém, por mais que os docentes apliquem diversos e novos métodos em suas salas de aula, mas seus alunos encontram-se distantes do domínio da leitura e da escrita. Isso se dá porque os professores ainda não se deram conta de que não é o método de ensino que determina a aprendizagem.

Para que a leitura e a escrita tornem-se significativa para as crianças é necessário que a escola as vejam como ferramentas sócio-culturais, com um sentido significativo e não repetitivo. Pois segundo Vygostsky (1989): *“não se podem ensinar as crianças através de explicações artificiais, por memorização compulsiva e repetição apenas. O que uma criança necessita é de adquirir novos conceitos e palavras para atribuir sentido significativo ao que aprende”*.

Além disso, o professor não pode impor a leitura do livro didático como único recurso, impedindo que as crianças tornem-se leitoras por prazer. Os textos didáticos são importantes, mas não são únicos. Faz-se necessário que tenham acesso à literatura e outros tipos de leitura. Leitura essa, que faça com que as crianças viajem em sua imaginação, tornando prazeroso o ato de ler e escrever.

A imagem, que por muitos é considerada um processo de esvaziamento pode ser um dos métodos mais ricos de informação para as crianças. Em relação a ela e as letras, ambas são significativas e possuem características próprias, apresentando vantagens e desvantagens nas produções textuais. Por um lado a escrita sem imagem irá permitir que o leitor imagine e crie o seu mundo, caracterizando os personagens conforme seus desejos. Por outro lado, conciliar a leitura às imagens em movimento, reservam emoções em que o texto escrito pode revelar francamente. Em fase disso Martins (1994, p. 34) afirma que:

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e nos próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas exigências que a realidade lhe apresenta.

Podemos dizer assim, que através da leitura manifestamos desejos que por vez, apresentam-se inconscientes nas crianças. Portanto, o ideal seria quando possível, relacionar a leitura dos textos escritos com a leitura das imagens como experiências de um bom trabalho a ser desenvolvido.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para trabalharmos a temática leitura e escrita nas séries iniciais, optamos pela pesquisa de caráter exploratório, pois segundo Richardson (1999, p. 66) *“quando não se tem informações sobre determinado tema e se deseja conhecer o fenômeno, este é o plano de pesquisa utilizado”*.

Além disso, esse tipo de pesquisa oferece dados elementares dando suporte para a realização de estudos mais adentrados sobre a temática.

Denominamos a pesquisa de campo como critério para classificar o tipo de procedimento que foi utilizado, pois segundo Gonsalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é aquela que exige do professor um encontro mais direto. Neste caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorreu – ou – ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

De acordo com a natureza dos dados optamos pela pesquisa qualitativa devido a preocupação que tivemos com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os professoras dão as suas práticas.

E foi através dos questionários que coletamos os dados utilizados neste estudo porque de acordo com Barros e Leheld (1990, p. 70) *“[...] a escolha pela aplicação do questionário diz respeito a custo. O questionário custa menos do pesquisador do que as entrevistas”*.

Esse trabalho teve como população-alvo quatro professoras das séries iniciais. Das professoras que participaram do estudo, todas *como contratadas em tempo parcial* são contratadas e possuem uma renda mensal que varia de R\$ 300,00 a R\$ 340,00. Duas professoras são graduadas em pedagogia, e duas estão cursando o ensino superior e todas já participaram de cursos referentes a temática leitura e escrita, que foi realizado pela própria escola, facilitando de certa forma as discussões.

Realizamos nosso estudo no Centro de Educação Especial Integrada “Geny Ferreira” – CEEIGEF, que está localizada na Rua Raimundo Braga Rolim Filho, 22, em Sousa-PB.

A escola foi fundada em 04 de março de 1990, pelo casal Geny Ferreira de Sousa e Aloysio Rodrigues de Sousa, a Escola do Saci Pererê; atendendo à crianças do bairro Dr. Zezé e circunvizinhos, nos cursos de pré-escola e alfabetização. A referida era particular e filantrópica.

No ano de 1993, foi implantado o trabalho de inclusão, ou seja, o trabalho com pessoas portadoras de deficiência e ditas “normais”. A escola passou a atender pessoas portadoras de várias deficiências, tais como paraplegia, surdez, visual 50%, mental leve, síndrome de down e múltiplas deficiências, uma vez que mudou o trabalho, modificou também o nome da escola, passando a ser: Escola Especial de 1º Grau Saci Pererê.

Em 1996 passou a atender o ensino infantil/inclusivo, e ensino fundamental I e II/inclusivo.

No dia 09 de agosto de 1999, por via de conseqüências, foi necessária mudar a razão social da escola, e a partir desta data, passou a ser Centro de Educação Especial Integrada “Geny Ferreira”.

A referida escola tem sua estrutura física formada por oito salas de aula, uma sala de laboratório de informática com 6 computadores, televisão, vídeo cassete, uma secretaria, uma cantina, cinco banheiros. Apesar de possuir um acervo bibliográfico, não tem espaço disponível para organizar uma biblioteca. Atende uma demanda de cerca de 400 alunos, conta com um corpo docente formado por vinte professores, sendo que treze atuam de 1ª a 4ª série e os demais de 5ª a 8ª série. Há uma psicóloga e uma assistente social que atuam com os alunos e a família desses alunos. Os planejamentos são realizados quinzenalmente pela coordenadora juntamente com os professores.

Após a análise dos questionários, realizamos sete encontros, com duração de duas horas, em cada encontro discutimos as seguintes temáticas: O prazer da leitura; Ensinar o prazer de ler: é possível?; Literatura Infantil; Letramento e descaminhos; Como se dá o processo de leitura; Como as crianças aprendem a gostar de ler.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Reflexão dos docentes sobre leitura e escrita nas séries iniciais

Nos encontros que realizamos no CEEIGEF – Centro de Educação Especial Integrada “Geny Ferreira”, com as professoras, pudemos perceber as expectativas e conhecimentos dos docentes acerca da temática leitura e escrita, e, percebemos que a leitura exerce um papel importante na compreensão de mundo do indivíduo.

No primeiro encontro trabalhamos com o texto: O prazer da leitura, que tinha como objetivo incentivar os docentes o que de mais importante existe na educação: Seduzir as crianças para o prazer que mora nos livros. Nesse aspecto, destacamos os depoimentos dos docentes:

- *No meu primeiro dia de aula na 1ª série, li um texto literário para os meus alunos e percebi que eles ficaram fascinados e muito atentos, percebi que as crianças se encantaram também com a maneira que li o texto, pois sempre faço leitura com gestos de forma que fiquem mais entusiasmados pela leitura, tanto que eles sempre pedem textos literários para fazer a leitura em sala. (Professora B)*
- *Quando faço leitura de textos literários para meus alunos, percebo que eles ficam fascinados com a leitura, e também desperta a curiosidade deles para aprenderem a ler e escrever. (Professora C)*

Com isso concordamos com o que diz Ruben Alves: *“(alvo?) Todo texto literário é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele surfa as palavras – a beleza acontece”*.

Portanto, o professor deve ser um artista em sala, dominar a técnica de leitura para que possa despertar na criança o prazer pela arte de ler. E o professor também deve estar possuído pelo texto que está lendo, pois, só assim conseguirá contagiar seus alunos.

No segundo encontro trabalhamos com o texto: Ensinar o prazer de ler é possível? (Tatiana Pessoa, 2004), que tinha como objetivo refletir acerca da leitura e sua relação com a escola. Ao começarmos a discussão fizemos a indagação: Ensinar o prazer de ler: é possível? Tivemos uma boa discussão, onde as professoras fizeram seus depoimentos sobre a indagação.

Vejamos alguns depoimentos:

- *Ensinar o prazer de ler, é possível sim, desde que nós professores saibamos incentivar e estimular esse prazer de maneira bem diversificada e estimulante, para que a criança sinta a vontade e também a necessidade de aprender a ler com prazer.* (Professora A)
- *Acredito que ensinar o prazer de ler é possível quando nós podemos diversificar as aulas de leitura, de modo que consigamos chamar os alunos para terem vontade de ler com muito prazer.* (Professora C)

Para confirmar o que disse as professoras, Silva (1981) afirma que:

A leitura feita com prazer possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista, como também amplia experiências tornando-se importante meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem. É através da leitura que acontece um ato de compreensão do mundo.

De acordo com o que dizem as professoras A e C, quando a leitura é feita com prazer, sem dúvida, facilitará a conscientização das pessoas, através de uma descoberta e elaboração do conhecimento. Portanto, acreditamos que é possível sim, incentivar os alunos a aprenderem a ler, desde que os professores diversifiquem as aulas de leitura, fazendo com que os alunos despertem para o prazer de ler.

No terceiro encontro, discutimos o texto: *Literatura Infantil* (Luzia Bontempo) que tinha como objetivo: Envolver as crianças em idéias e acontecimentos e fazendo-as interagir com o mundo de forma mais atraente, através da leitura. Para confirmar isso destacamos alguns depoimentos dos docentes.

- *Gosto muito de trabalhar literatura infantil com meus alunos, pois levo as revistas em quadrinhos, poemas e livros paradidáticos, e eles ficam contentes, pois gostam muito das aulas de literatura, devido ter acesso a esses livros.* (Professora A)
- *Trabalho com a minha turma as historinhas em quadrinhos e poemas de forma que os alunos leiam e depois criem suas próprias histórias ou poemas em cima daquela história que eles leram, a turma gosta muito desse tipo de trabalho, o que o torna muito divertido e prazeroso.*

Estes comentários nos reportam a Colomer (2003): *“Promover o espaço da criança com histórias, poemas ou livros informativos é uma condição especial para favorecer o acesso a língua escrita e para motivar o desejo de aprender a ler.”*

Portanto, acreditamos que através das revistas em quadrinhos, livros informativos e poemas é mais fácil para os professores despertarem nas crianças o desejo de aprender a ler e escrever e também despertar nelas o seu poder de criar histórias, a partir dos livros que leram.

E também fazendo com que as aulas sejam bem descontraídas, onde as crianças tenham prazer de estar na sala de aula.

No quarto encontro trabalhamos com o texto: Letramento e descaminhos (Magna Soares), que tinha como objetivo apontar caminhos para a superação dos problemas enfrentados na aprendizagem inicial da língua escrita é alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando.

Com base nesses objetivos, vejamos alguns depoimentos dos docentes:

- *É preciso que os professores tomem consciência de que alfabetizar é muito mais que ensinar a codificar e decodificar, porque enquanto os alunos não forem ensinados a interpretar e compreender o que lêem e fazem, a educação continuará sendo tradicional.* (Professora A)
- *É importante que a alfabetização tenha sentido no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita.* (Professora B)
- *Acredito que o caminho para o ensino e a aprendizagem é a articulação de conhecimentos e metodologias fundamentados em diferentes ciências.*

(Professora C)

Para confirmar isso Cagliari (1997) afirma que: *“Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização”.*

Nesta perspectiva, acreditamos que os professores de alfabetização necessitam de uma formação sólida, para que possam desenvolver um bom trabalho em sala, bem como observarem a escrita de seus alunos. É importante também que os alunos conheçam todas as letras do alfabeto para que tenha uma aprendizagem mais rápida, sendo estimulado pelo professor.

Percebemos também que não há como trabalhar totalmente voltado para o construtivismo ou ainda nos dias atuais para o tradicional, o que temos que fazer é a articulação entre uma prática e outra para um bom desenvolvimento dos alunos.

No quinto encontro, apresentamos para os professores o texto de Ferreiro (2000): Contribuições à prática pedagógica, que tinha como objetivo incentivar os professores que façam um estudo teórico mais rígido. Nesse aspecto, destacamos os depoimentos dos docentes:

- *Existe professor que ignora quando um aluno escreve algo que ele não consegue ler, sem perceber que ele tem capacidade de aprender, fazendo com que o aluno fique sem estímulos e acabe bloqueando a criança, é aí que percebemos a falta de estudo teórico dos professores.* (Professora A)
- *Para mim nós professores devemos fazer sempre estudos teóricos para que possamos passar para nossos alunos algo que seja interessante e faça com que eles também sintam prazer em estar na sala de aula.*
(Professora C)
- *É através dos estudos teóricos que nós podemos adquirir novos conhecimentos, assim, estaremos atualizados e prontos para passar algo interessante para nossos alunos.* (Professora D)

Por isso, chegamos a conclusão de que estes professores que ensinam no método tradicional, ou seja, têm o hábito e método de ensino como de usar somente cartilhas como métodos de ensinar leitura e escrita. Nesse sentido, a cartilha cumpre um papel de desqualificação de professores e alunos. Como assinala Garcia (1987, p. 52), “*a cartilha deve ser usada como bíblia... (e tutela) a professora da primeira à última página, não deixando qualquer espaço para que pense ou crie.*”

Isso jamais deverá acontecer, pois a alfabetização tem que ser comprometida com o sucesso da criança e não com o seu fracasso, mas isso não quer dizer que as cartilhas não funcionem para uma boa aprendizagem, mas sejam analisados e usados com mais compreensão e criatividade.

No nosso sexto encontro, trabalhamos com o texto: Como se dá o processo de leitura? Que tem como objetivo pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma, ou nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. Para comprovar isso, vejamos alguns depoimentos das professoras:

- *Para mim a criança adquire o conhecimento sobre os objetos que a rodeiam, bem como sobre suas funções, atribuindo o significado de cada um que existe na sociedade. (Professora A)*
- *Acredito que o que antecede a leitura é o conhecimento prévio que a criança tem de tudo que está a sua volta, em seu meio, ou ainda na sua cultura. (Professora B)*
- *A criança só aprende aquilo que lhes é ensinado através da convivência e gradativamente das observações feitas por ela a sua volta. (Professora C)*

Quanto ao conhecimento que a criança adquire ao observar a sua volta, o seu meio e a sua cultura, Martins (1994, p. 34) afirma que:

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Diante disso, podemos acreditar que a criança tem facilidade de aprender as coisas, desde que faça observações a sua volta atribuindo significado que a sociedade já tem de cada um. Por isso, cabe aos professores valorizarem o que a criança traz de conhecimento e procurar trabalhar no seu desenvolvimento, sendo que o ensino esteja também relacionado com a vida real das crianças, seu dia-a-dia, sua imaginação.

No nosso sétimo encontro, trabalhamos com as professoras o texto de Zélia Cavalcante (1996): Como as crianças aprendem a gostar de ler, que tem como objetivo: mostrar aos professores que é possível trabalhar a leitura e escrita através de contos de fadas, fazendo com que a criança aprenda a gostar de ler com prazer. Nesse sentido, destacamos o depoimento das professoras:

- *A minha turma adora os contos e a forma como se conta é muito importante para a aprendizagem. (Professora A)*
- *Os meus alunos adoram trazer contos para a sala, e isso deve mesmo ser feito espontaneamente, pois só assim perceberemos quem realmente gosta de contos. (Professora B)*
- *Faço desenhos para meus alunos com seqüências para que eles possam fazer suas próprias historinhas. (Professora C)*

- *Trabalho contos com a minha turma, mas acho interessante que eles tenham haver com a realidade dos alunos, pois esses contos são desvinculados do contexto ficam apenas no imaginário.* (Professora D)

Para confirmar isso Cavalcante (1996) afirma que:

A literatura nasce de um jogo com o leitor, um jogo no qual quem lê precisa acreditar que o texto contém uma verdade, precisa fazer de conta que aquela história poderia ter acontecido e emocionar-se com o destino de cada personagem.

Diante disso, percebemos que o professor deve permitir que seus alunos exercitem-se na descoberta da leitura para que possam entrar no mundo do imaginário e aprendem a escrever suas próprias histórias através de figuras ou fatos relatados.

4.2 Como os professores entendem e vivenciam as práticas no ensino da leitura e escrita

Esse trabalho tem como objetivo analisar as respostas obtidas pelas professoras do Centro de Educação Especial Integrada “Geny Ferreira” – CEEIGEF, localizada na cidade de Sousa-PB, na qual lecionam as séries iniciais e se mostravam interessadas em buscar alternativas para minimizar os desafios enfrentados principalmente na leitura e conseqüentemente da escrita.

Inicialmente abordamos a questão do hábito da leitura das professoras e a frequência com que liam. Todas responderam que liam livros, jornais, revistas e gibis diariamente. Inclusive a professora “A” afirmou: “*Para dar as aulas temos que ler todos os dias nem que sejam os livros didáticos*”.

Considerando as respostas das professoras sobre essa questão evidencia-se a importância do ato de ler e do hábito da leitura para uma melhor desenvoltura, tanto em sala de aula quanto no convívio social já que a leitura, e conseqüentemente a escrita, é a base de uma educação adequada para a vida de todos os cidadãos.

Segundo Martins (1994, p. 23), "*Ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia de deixar de ler pelos olhos de outrem.*"

Dessa forma, a leitura é vista num contexto amplo e contribui de forma satisfatória para o acúmulo de conhecimentos e valores cultural e social, tendo em vista que o hábito de ler do professor favorece e instiga o hábito de leitura dos alunos possibilitando, assim, uma visão mais ampla e crítica do mundo.

Quando formulamos a pergunta: Qual o seu nível de instrução? Tivemos respostas divididas, pois duas têm graduação em Pedagogia e duas estão cursando o ensino superior, onde a maioria possui mais de cinco anos de atuação profissional.

Ainda perguntamos se já tinham participado de cursos referentes ao tema leitura e escrita, as quatro responderam ter participado do curso: Leitura e Relacionamento, que foi realizado no CEEIGEF.

Então perguntamos de forma subjetiva a cada professor, quais eram os desafios encontrados no ensino da leitura e escrita:

O maior desafio é atingir a expectativa do meu aluno em relação a leitura sem que ele se canse das metodologias. (Professora A)

O maior desafio é identificar as atividades de leitura que contribuem para a ampliação de um bom repertório lingüístico que seja fundamental sem que os alunos se cansem. (Professora B)

Encontrar o melhor método para que o educador adquira o conhecimento e a compreensão da leitura e escrita. (Professora C)

Encontrar uma forma de trabalhar com os alunos, fracos e dispersos, pois as crianças só deviam sair das séries iniciais quando dominassem todo o processo de leitura e escrita. (Professora D)

De acordo com as respostas das professoras percebemos a preocupação das mesmas em encontrar métodos eficientes para despertar e chamar a atenção dos alunos em relação a leitura e escrita sem que se torne repetitiva e cansativa às práticas utilizadas para contribuir de forma satisfatória para o desenvolvimento da escrita e da importância do ato de ler.

Analisando as respostas das quatro professoras do nosso ponto de vista, as mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolvem apenas com um novo método de ensino, ou ainda, com novos testes de prontidão ou até novos materiais didáticos, enfim, é preciso mudar algumas concepções à respeito do processo de leitura e escrita, onde faça valer o contexto social, os conhecimentos que as crianças já trazem

consigo. É necessário os educadores entenderem e aceitarem que os métodos não oferecem mais do que sugestões, dicas para o desenvolvimento da aprendizagem, e utilizá-los como única e principal fonte de produção do conhecimento é reduzir os alunos a seres sem capacidade de raciocínio, onde na verdade todos os seres são pensantes por natureza, o que esta faltando é o treinamento para aquisição dessa habilidade.

Dessa forma, afirma Ferreiro (1995, p. 17):

É preciso mudar os pontos de onde fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem.

Ainda analisando a resposta da professora “D”, que enfatiza a prontidão da leitura em discussão a esse tema, Sinclair empregou uma feliz expressão para nos alertar contra os perigos da noção da “prontidão para a leitura”:

Uma das coisas que tratamos de dizer nesta conferencia é que não estamos (cientificamente) preparados para falar da prontidão da leitura, e até que isso aconteça, seria melhor supor que todas as crianças que temos na sala estão maduras para a leitura, ao invés de supor que podemos classificar aqueles que não têm o que supomos que sabemos que devem ler. (Ferreiro et al, 1982, p. 349)

Na pergunta relativa as metodologias que atribuíam mais ênfase no ensino da leitura e escrita, as quatro responderam que trabalhavam em sala com os alunos aulas expositivas, jogos, dinâmicas, competições, leitura oral o coletiva.

Quando indagamos sobre, como avaliavam as metodologias utilizadas por elas, as quatro responderam que tinham um resultado satisfatório, mas a professora “C” se estendeu: “É a forma mais eficaz dos alunos se integrarem nas aulas, pois as metodologias aplicadas apenas ao livro didático se tornam enfadonhas”.

Assim, as respostas das professoras podem ser justificadas nesta citação de Ferreiro (1995, p. 31): “Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e objeto dessa aprendizagem”.

Dessa forma, posemos analisar que as professoras procuram meios de tornar as práticas utilizadas por elas objetivas e dinâmicas para que os alunos não se cansem. Com não

são neutras essas práticas trazem em si uma carga de significados que influencia no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. É necessário, porém que as professoras tenham consciência da importância de se resgatar o sentido da escrita, possibilitando ao aluno tornar-se autor de sua própria aprendizagem, capaz de se expressar e se comunicar autonomamente, ainda que com “erros”, através da linguagem escrita, cabendo ao docente apenas aprimorar e despertar o ensino-aprendizagem crítico dos alunos.

Na pergunta relativa aos tipos de recursos didáticos utilizados em sala de aula, duas professoras “A” e “B” disseram utilizar livros, jornais, gibis e revistas, a professora “C”, além de utilizar livros e jornais, gibis e revistas também faz uso dos documentários, receitas, filmes, lendas e letras de músicas, a professora “D” também utiliza livros, jornais, revistas, gibis e documentários.

De acordo com as respostas das professoras, pudemos perceber que utilizam variados recursos para trabalhar em sala com seus alunos, o que facilita a aprendizagem das crianças em relação a língua escrita, já que através da leitura elas identificam letras, sílabas, palavras.

Por outro lado, é importante que o professor trabalhe esses recursos dentro de um contexto real, ou seja, trazer para a realidade do aluno, fazer com que eles aproveitem no seu cotidiano o que está sendo estudado, caso contrário aquilo não vai passar de mais uma atividade sem significado. Relacionado a este assunto Kramer (1986, p. 19), afirma:

Para o domínio efetivo da leitura e da escrita, é preciso, existir a compreensão de que a linguagem escrita tem um aspecto simbólico (as palavras representam, significam, querem dizer coisas, sentimentos, idéias), mas é preciso haver também aquisição dos mecanismos básicos desse código, do contrário não se lê e não se escreve. (...) Essa compreensão de significado não só pode como também deve ser trabalhada na produção e utilização direta de materiais e textos escritos (jornais, livros, cartas, bilhetes, álbuns, cartazes).

Diante do trabalho realizado pelas professoras com a utilização e variação dos recursos didáticos, já que afirmam praticá-los na sala de aula com seus alunos, pode e deve estar contribuindo para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Na pergunta referente ao tipo de instrumento utilizado para verificar o desempenho dos alunos com relação a leitura e escrita. Três das quatro professoras responderam utilizar produções textuais, treino ortográfico, a outra professora além de utilizar produções textuais e treino ortográficos também utilizava seminários, visitas à bibliotecas e desenvolvimento

teatral. Nenhuma das quatro professoras afirmaram utilizar provas ou testes de prontidão para verificação da aprendizagem dos alunos em relação a leitura e escrita.

Diante das respostas pedimos que cada uma justificasse oralmente suas respostas:

Acredito que a criança só desenvolve a leitura e escrita se forem trabalhados a fazer suas próprias criações. (Professora A)

As crianças precisam ter suas próprias interpretações, o professor deve ter o “jogo de cintura” para administrar essas interpretações das crianças. (Professora B)

A criança precisa ser estimulada para que venha a gostar da leitura, um bom passo seria que o professor ao propor uma atividade de leitura não a desenvolve como uma tarefa ou dever escolar, se a leitura não for uma imposição ou como forma avaliativa (para nota através de provas), com certeza o aluno terá mais rendimento na sua vida escolar, pois a leitura se tornará para a criança mais prazerosa e não uma obrigação.

(Professora C)

De acordo com as respostas das professoras, pudemos perceber a preocupação delas em permitir que os alunos construam seus próprios conhecimentos através das produções textuais, ainda notamos que elas preferem avaliar os alunos de forma contínua, ou seja, à medida que eles vão construindo e desenvolvendo as suas habilidades para ler e escrever. Desta forma afirma Martins (1994, p. 34): “*aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar o sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.*”

Com isso, podemos concluir que do nosso ponto de vista a aprendizagem da leitura e da escrita tem que acontecer de forma criativa e dinâmica, o professor precisa inovar suas práticas e levar em consideração o contexto social e a realidade em que o aluno está inserido.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Iniciamos este trabalho, não com o objetivo de modificarmos a prática docente dos professores do CEEIGEF, mas com o intuito de proporcionarmos reflexões em relação as dificuldades de leitura e escrita dos alunos da referida escola, como também tentarmos entender, porque as crianças encontram dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, mesmo chegando ao ambiente escolar repleto de conhecimento prévio adquirido no seu âmbito social. ^{Parágrafo} A partir dos resultados obtidos desse estudo, podemos considerar que os professores encontram dificuldades em estimular a criança ao prazer da leitura. Os professores buscam métodos eficazes para o desenvolvimento da leitura e da escrita sem que se tornem repetitivas e cansativas para os alunos. No entanto, percebemos uma contradição em relação a metodologia já afirmada. Mas, através dos textos trabalhados pudemos refletir com eles sobre sua prática docente em relação ao ensino da leitura e da escrita, também acreditamos que através do trabalho que realizamos na escola, as professoras poderão dar continuidade e aprofundamento ao tema trabalhado, uma vez que, ^{simultaneamente} infelizmente o tempo nos fez restrito para juntos apontarmos possíveis encaminhamentos para tais dificuldades. Apesar das contribuições citadas, sabemos também das dificuldades financeiras que passam as escolas de um modo geral, uma vez que os professores são mau remunerados. ^{então?}

Assim, nosso trabalho foi bastante proveitoso, pois através dele descobrimos o verdadeiro papel do professor e também do supervisor. No entanto, sabemos que são profissões que buscam incessantemente o aperfeiçoamento, ^o por outro lado, foi importante também para nós, uma vez que nos possibilitou conhecer novas referências teóricas, como também novos aspectos dentro da temática em estudo, favorecendo-nos uma reflexão em nossa prática profissional.

Maria do Socorro Abrantes
Márcia Estrela dos Santos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BENCINI, Roberta. **Como levar o aluno a compreender o que lê.** São Paulo: Revista Nova Escola, Março 2003.

BOMTEMPO, Luzia. **De olhos nas páginas do livro de literatura infantil** Revista construir notícias (p.7-10) Nº 22 - Ano 04 - Março/Abril 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização lingüística.** São Paulo: Brasiliense, 1994. ✓

CHAMADA À AÇÃO, **Ler e escrever tudo a ver.** Nº 07, suplemento da revista Nova Escola, nº 117.

COLOMER, Tereza (org.). **Aprender a ler e a escrever.** Porto Alegre, 2003. ✓

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

DIAS, Ana Iório. **Ensino da linguagem no currículo.** Fortaleza: Brasil Tropical, 2001. ✓

ESCOLA, Nova. **Aprenda com eles e ensine melhor.,** São Paulo: Abril, 2001. nº 139.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras.** 7ª ed. São Paulo. Cortez, 1999. ✓

_____, Emilia; TEBEROSKY, Ana (org.). **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2002. ✓

GARCIA, Joaquim; PÉREZ, Francisco (org.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001. ✓

GOMES, Maria de Fátima; SENA, Maria das Graças. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização: Dilema da prática**. Rio de Janeiro: Ed. Ltda, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MONTEIRO, Tatiana Pessoa de A., **Ensinar o prazer de ler é possível?** In: CRUZ, Silva Helena Vieira; HOLANDA, Mônica Petrolanda (orgs). **Linguagem e educação da criança**. Fortaleza: Editora UTC, 2004, Coleção Diálogos Intempestivos (p. 341-343).

OLIVEIRA, Anne Marie Milon, **A formação de professores alfabetizados: Lições da prática**. In GARCIA, Regina Leite. **Alfabetização dos alunos das classes populares: Ainda um desafio**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. ✓

Os novos pensadores da educação. Nº 154, São Paulo: Abril, 2002.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. São Paulo: Ática, 2002. ✓

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2004.

ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro (orgs.). **Leitura perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998. ✓

Richardson (1999)...

Gomes (2004): ...

A n e x o

6) **Você já participou de cursos ou seminários sobre leitura e escrita? Justifique a sua resposta:**

7) **Para você, quais os maiores desafios encontrados no ensino da leitura e escrita das series iniciais?**

8) **Que tipo de instrumento você utiliza para verificar o desempenho os seus alunos com relação a leitura e escrita?**

Provas

Produção de textos

outros: _____

9) **Quais recursos didáticos utilizados por você em sala:**

Livros

Gibis

Jornais

Revistas

Documentários

Outros? _____

10) **Qual a metodologia que você atribui mais ênfase no ensino da leitura e escrita?**

Aulas expositivas

Dinâmicas

Jogos

Competições

outros: Cite-os: _____

ESCOLA CEEIGEF



PROFESSORAS DO CEEIGEF

